SUMA GRAMATICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA: Um resumo prático[1]

1. Introdução

A fala é signo de concepções. Compõe-se de palavras, feitas, por seu lado, de fonemas e letras. As palavras são formas artificiais da voz. A arte diretiva da fala é a Linguagem, cuja obra é a Língua.

A escrita é signo da fala – signo de signo, portanto. Assim como a fala também tem por objeto o ouvidor, a escrita também tem por objeto o leitor. Por isso, a Gramática, que é a arte diretiva da escrita, também é arte diretiva da leitura (ademais, e ainda que reflexamente, a Gramática acaba por ter efeito benéfico e normativo também na fala).

Tenha-se como definição completa de Gramática a seguinte: arte diretiva da escrita segundo regras morfossintáticas cultas, para que o homem possa transmitir suas concepções e argumentações com ordem, com facilidade e sem erro a outros homens distantes no espaço ou no tempo.

A Gramática não é redutível à Lógica (arte diretiva dos atos da razão). Mas aquela serve a esta e pois à Ciência e à Sabedoria. Os princípios da Gramática são reduções analógicas dos princípios da Lógica – segundo certo padrão convencional (não há falar-se, portanto, em Gramática universal).

2. Morfologia

Tratado da forma das palavras, ou seja, de sua significação. Também estuda suas partes e sua figura, enquanto ordenam-se à forma.

❖ CLASSES GRAMATICAIS

- SUBSTANTIVOS (ditos NOMES): exprimem as substâncias, ou os acidentes tratados como substancias – e assim temos, respectivamente,
  - os SUBSTANTIVOS CONCRETOS (COMUNS e PRÓPRIOS);
  - e os SUBSTANTIVOS ABSTRATOS.

- ADJETIVOS (também ditos NOMES): exprimem a qualidade – e também a relação, a situação, a posse, etc., atribuídas ao modo da qualidade – assim como aspectos acidentais das substâncias enquanto acidentes. Classificam-se em:

[1] Esta apostila é um resumo da obra *Suma gramatical da língua portuguesa*, de Carlos Nougué, cuja leitura integral reputamos indispensável. Todas as frases e todos os exemplos foram daí extraídos, com pequenas variações. As páginas indicadas ao longo do texto são da primeira edição da mesma *Suma*. Esta apostila é publicada com autorização de Carlos Nougué.

- ADJETIVOS QUALIFICATIVOS: significam algo que modifica *intrinsecamente* a substância, ou seja, uma qualidade.
- ADJETIVOS DETERMINATIVOS (também ditos PRONOMES ADJETIVOS): significam algo que modifica *extrinsecamente* a substância, ou seja, certa medida. Classificam-se em:
  - ADJETIVOS POSSESSIVOS: indicam posse.
  - ADJETIVOS DEMONSTRATIVOS: indicam lugar ou tempo.
  - ADJETIVOS INDEFINIDORES ou INDETERMINADORES: indicam quantidade indeterminada.
  - ADJETIVOS NUMERAIS: indicam quantidade precisa ou número.

OBS: Os nomes três acidentes: gênero, número e grau.

- PRONOMES: reduzem-se a SUBSTANTIVOS ou a ADJETIVOS. Classificam-se em:
  - PRONOMES SUBSTANTIVOS:
    - PESSOAIS:
      - RETOS
      - OBLÍQUOS:
        - ÁTONOS
        - TÔNICOS
  - PRONOMES ADJETIVOS: são os ADJETIVOS DETERMINATIVOS.
  - PRONOMES IMPROPRIAMENTE DITOS:
    - PRONOMES RELATIVOS: são palavras que representam a antecedente na oração seguinte e, portanto, exercem função sintática.
    - PRONOME APASSIVADOR "SE": usa-se na construção conhecida como "passiva sintética"; difere do PRONOME INTEDERMINADOR "SE", usado numa das espécies de orações ditas de "sujeito indeterminado".

- ARTIGOS: reduzem-se a ADJETIVOS DETERMINATIVOS (ou PRONOMES ADJETIVOS). Classificam-se em:
  - ARTIGOS DEFINIDORES
  - ARTIGOS INDEFINIDORES

- NUMERAIS: reduzem-se a ADJETIVOS DETERMINATIVOS (ou PRONOMES ADJETIVOS) ou a SUBSTANTIVOS. Classificam-se em:
  - NUMERAIS ADJETIVOS:
    - CARDINAIS
    - ORDINAIS
    - FRACIONÁRIOS

- NUMERAIS SUBSTANTIVOS:
  - MULTIPLICATIVOS
  - FRACIONÁRIOS

- VERBOS: exprimem propriamente a ação e a paixão, mas também a posse enquanto ação de possuir; *sempre significam com tempo* (diferentemente dos nomes). Têm quatro acidentes, a saber:
  - MODO:
    - INDICATIVO: expressa a realidade da ação verbal, ou por outra, o próprio ser.
    - SUBJUNTIVO: expressa possibilidade, potencial, desejo, condição, etc, ou por outra, o ser possível.
    - IMPERATIVO: expressa o ser devido.
    - MODOS NOMINAIS:
      - INFINITIVO: é antes substantivo.
      - GERÚNDIO: ora advérbio, ora adjetivo.
      - PARTICÍPIO: sempre adjetivo.
  - TEMPO
  - NÚMERO
  - PESSOA

OBS: Os verbos em Português ordenam-se em três paradigmas ou conjugações: *-ar, -er, -ir*.

- ADVÉRBIOS: exprimem o tempo e o lugar, além de aplicar-se à indicação do modo, etc. Modificam, antes de tudo, o VERBO, mas também o ADJETIVO, outro ADVÉRBIO, uma ORAÇÃO, INTEIRA e o próprio SUBSTANTIVO ou um PRONOME SUBSTANTIVO.

- CONECTIVOS: palavras cuja carga semântica apenas se atualiza enquanto servem para ligar duas palavras ou duas orações. Classificam-se em:
  - CONECTIVOS ABSOLUTOS:
    - PREPOSIÇÕES: expressam ideia subordinada à outra.
    - CONJUNÇÕES: são enlaces de subordinação entre orações.
  - CONECTIVOS NÃO ABSOLUTOS: são os PRONOMES RELATIVOS.

- INTERJEIÇÕES: expressam um afeto ou expressão súbita da alma.

❖ <u>REGRAS PÉTREAS E DICAS ESTILÍSTICAS:</u>

- <u>QUANTO AOS SUBSTANTIVOS:</u>
  - Certos substantivos cuja vogal tônica é um *o* fechado, ao receberem a desinência *–s*, têm esse *o* mudado em *o* aberto. Eis os mais importantes: *abrolho; caroço, corcovo, coro, corno, corpo, corvo; despojo, destroço; escolho; fogo, forno, foro, fosso; imposto; jogo, miolo; osso, ovo; poço, porto,*

posto, povo; reforço, renovo, rogo; socorro; tijolo, tojo, tordo, tremoço. Quando estes substantivos admitem feminino, quase sempre a tônica deste também é de timbre aberto: *ovo* (fechada) / *ova* e *ovos* (aberta); etc.

- Mas muitos substantivos conservam no plural o *o* fechado do singular. Exemplos: *acordo, adorno; bojo, bolso; cachorro, coco, colmo, consolo; dorso; encosto, engodo, esposo, estojo; ferrolho; globo, golfo, gosto; lobo, logro; moço, morro, mosto; pescoço, piloto, piolho, poldro, polvo, potro; reboco, rebojo, repolho, rolo, rosto; sogro, sopro, soro, suborno; topo*.
- Admite-se em geral que o *o* tônico de *forros, tornos* e *trocos* tenha, indiferentemente, timbre aberto ou timbre fechado.
- *Molho* com o *o* aberto designa 'feixe ou conjunto de objetos seguros juntos'; com o *o* fechado, 'condimento em caldo'. No plural as duas mantêm o timbre do respectivo singular.
- Plural dos substantivos compostos: p. 215 e seguintes.

QUANTO AOS ADJETIVOS:

- A flexão de número nos adjetivos: p. 227.
- A flexão de grau nos adjetivos: p. 228 e seguintes.
- *Canta melhor*, mas *Ária mais bem cantada* (por conta do particípio).

QUANTO AOS PRONOMES:

- Pode-se iniciar frase por *É que*, *É*, *E*, *Pois* e *Mas*.
- Convém colocar o pronome de primeira pessoa de sujeito composto em último lugar, salvo quando implicar responsabilidade em algo mau. *O reitor, o professor e eu fomos falar com o aluno*, mas *Eu, o professor e o reitor havemos de reconhecer que erramos com o aluno*.
- Quando *nós* é plural de modéstia, convém deixar no singular os adjetivos que o determinam. *Estamos certo da necessidade da Gramática*.
- *Até* (quando preposição) e *entre* exigem os tônicos *mim* e *ti*.
- *Afora, fora, exceto, menos, salvo* e *tirante* exigem os retos *eu* e *tu*.
- Não se deve aglutinar a preposição de com os retos ele / ela. *Está na hora de elas* (as crianças, por exemplo) *irem para cama*, e não *Está na hora 'delas'*...
- Se se usam os oblíquos com verbos de regência diversa, é preciso explicitar a preposição. *Márcia pensa em nós e fala de nos*, e não *Márcia pensa e fala de nós*. Se se trata não de oblíquo, mas de substantivo, há uma dupla possibilidade: *Márcia pensa no assunto e fala dele*, ou *Márcia pensa no assunto e fala do assunto*.
- Os três usos dos demonstrativos: p. 248 e seguintes.
- *É isso o que importa*, e não *É isso que importa* (o *o* aí é demonstrativo e reduz-se a substantivo [= aquilo]). Do

mesmo modo, *Tudo o que queremos...*, e não *Tudo que queremos...*

- Não usar *mesmo* em lugar de *este* ou *ele*. *Interrogou-se o acusado, e este* (ou *ele*, não 'o mesmo') *disse que era inocente.*
- Quando o possessivo exerce a função de predicativo, não se acompanha de artigo. Mas, sim, fá-lo quando exerce a função de adjunto adnominal de substantivo elíptico. *Este livro é meu*, mas *Este livro é o meu* (livro).
- Quando o possessivo vem antes de substantivo expresso, não convém usar o artigo, salvo para fins de realce, como no exemplo de Padre Antônio Vieira: *Os outros também eram seus filhos, não o negara Jacó; mas o seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser o filho*. E também, *minha perna, meu marido, em sua casa* (e não *a minha perna, o meu marido, na sua casa*).
- Quando o substantivo vem desacompanhado de artigo, deve-se pospor-lhe o possessivo. Também se o faz, de regra, quando o substantivo vem acompanhado de artigo indefinidor, numeral, demonstrativo ou pronome indefinido: *Há de ser impressão minha; Um telegrama meu; Dois erros teus; Certas conclusões tuas; Essas ideias tuas*.
- *Sempre que possível*, evitar o uso constante do possessivo: antes nomes de parte do corpo, de coisas do espírito e de familiar; antes de *casa* como residência do sujeito da oração; quando seu uso é dispensável. Com ganho de elegância, pode substituir-se os possessivos por oblíquos de dativo livre: *Educaram-te bem o filho*.
- Sempre *Tudo o mais*; nunca *Tudo mais*.
- Se *todo* se usa como sinônimo de *cada* ou de *qualquer*, não se ponha artigo em seguida: *Todo cão é doméstico*. Se *todo* se usa com sentido de totalidade, ponha-se obrigadamente o artigo em seguida. Bem por isso, *todo o mundo*, sempre.
- Sempre que *todo* determine substantivo também determinado por possessivo, e que aquele não esteja posposto a este, use-se obrigadamente o artigo entre *todo* e o possessivo: *Toda a nossa busca*. E também quando *todo* determinar adjetivo substantivado: *todo o necessário*. *Toda parte* e *todo lugar* podem vir, no Brasil, sem artigo – comutam-se por *cada* ou *qualquer*.
- *Todo* pede artigo antes de numeral se o substantivo estiver explicitado. Se elíptico, omite-se o artigo: *Todos os três meninos*, mas *Todos três chegaram*.
- Sempre *Outro que eu* e *Outra saída que esta*; nunca *Outro que não eu*, *Outra saída que não esta*.
- Sempre *Outro chegou*, e não *Um outro chegou*.
- Prefira-se *Problemas por* (ou *que*) *resolver e Coisas por* (ou *que*) *dizer* a *Problemas a resolver* e *Coisas a dizer*.
- Podem multiplicar-se as negativas em Português.

- Nunca usar *Qualquer <u>um</u>* em lugar de *Qualquer* ou de *Qualquer pessoa*.
- Se *cada* determina grupo substantivo numeralizado, não se lhe anteponha a preposição *a*: *Vinha ver-nos cada três dias*, mas *Enjoava <u>a</u> cada curva*.
- Não se use *cada* como pronome substantivo (é sempre pronome indefinidor ou adjetivo, assim como *certo / determinado / dado*). Então, diga-se (e sobretudo escreva-se) *50 gramas cada <u>um</u>*, e não *50 gramas cada*.
- Não se use *um* antes de *certo, determinado e dado*.
- *Onde* = em que; *Aonde* = a que.
- Não usar *o* antes de *que* nas orações *Aquilo deu (muito) que falar* e *Isto dá (muito) que pensar*. Mas *Era preciso vencer sua resistência, <u>o</u> que parecia impossível*. O *o* aí é pronome demonstrativo na função de aposto.
- De modo geral, preferira-se *que* a *o qual* (etc.), salvo quando há risco de ambiguidade (ou para fins de ênfase): *O autor desta obra, <u>o qual</u> só obteve reconhecimento tardio*. Formas preferíveis: *a que, com que, de que, em que*. Mas, preferentemente ou quase obrigadamente, diga-se: *sobre o qual, durante o qual, ante (perante / diante) o qual, ao lado da qual, sem o qual*. Use-se o qual também em construções partitivas: *alguns dos quais, um dos quais, a mais jovens das quais*, etc. Pode usar-se variadamente *Por que* ou *pelo qual*.
- Sempre *Quem o fez* ou *O que o fez*. Mas *eu que o fiz*, *tu que o fizestes*, etc. A primeira construção é preferível.
- *Quem* vem preposicionado quando introduz subordinada. *O homem <u>a</u> quem cumprimentamos*.

- <u>QUANTO AOS ARTIGOS:</u>
  - O artigo definidor contrai-se com as preposições *a, de, em e per / por* quando o substantivo exerce a função de complemento ou de adjunto, mas não o faz quando o substantivo exerce a função de sujeito: *Está na hora <u>de</u> <u>o</u> menino (= sujeito) dormir*.
  - Se numa sequência de substantivos o primeiro é antecedido por artigo contraído com preposição, então necessariamente deve-se repeti-los (o artigo e a preposição) ante os demais substantivos: *Deixou-se levar, pela ambição, pela moda, etc*.
  - Quando o substantivo exerce a função de complemento ou de adjunto, o artigo indefinidor pode contrair-se com as preposições *de* e *em* (conquanto a primeira contração [*dum*] seja de evitar). Naturalmente, quando *um* for numeral, não se dá a contração: *Fez o trabalho <u>em</u> <u>um</u> dia*. Quando o substantivo exerce a função de sujeito, nunca se dá a contração. Sempre se escreva *Chega o momento <u>de</u> <u>um</u> filho* (= sujeito)...
  - É elegante o emprego do artigo pelo possessivo: antes de nomes de parte do corpo; de nomes de parentesco; de peça de vestuário; de faculdade ou ato da alma.

- Pode dispensar-se o definidor antes de substantivos abstratos, provérbios, comparações.
- Antes de expressão de tempo acompanhada de qualificativo, ou se se trata de mês ou de data célebre, ou ainda se se trata de dia, use-se o definidor: *O agosto de nossa cidade, O maio de 68 francês, O 11 de setembro*. Os nomes de dias da semana no singular podem anteceder-se de artigo definidor, e sempre se antecedem deste artigo quando no plural: *Aos domingos*. Também se usa o definidor antes de dias de festa, salvo quando exercem a função de adjunto adnominal: *O Natal*, mas *Noite de Natal*.
- Artigos e topônimos: p. 298 e seguintes.
- Numa sequência de se substantivos em que o primeiro é antecedido de definidor, todos os demais também haverão de sê-lo. Mas *não* se repete o artigo quando: o segundo substantivo significa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o primeiro; constituem entre si algo uno: *O soldado e escritor Cervantes*.
- Numa sequência de adjetivos, ainda que ligados por *e*, por *ou* ou por *mas*, *não* se repete o definidor: *A boa e velha Filosofia*. Se os adjetivos se referem a um mesmo substantivo e não estão ligados por *e* ou por *ou*, *pode-se* repetir o artigo por razões de ênfase: *Era aquela a verdadeira, (a), justa, (a) precisa resposta à questão*.
- Usa-se obrigatoriamente o definidor com o superlativo relativo, antes do substantivo ou do mesmo superlativo: *Era o mais promissor aluno da classe* ou *Era aluno o mais promissor da classe*. Mas nunca *Era o aluno o mais promissor da classe*. Antepõe-se o definidor antes de substantivo determinado por uma série de superlativos relativos se não estiver, o mesmo substantivo, anteposto de artigo. Pode-se o omitir o artigo, mas não o *mais*, se o substantivo vem anteposto de artigo: *É o cineasta mais talentoso, (o) mais profundo e (o) mais coerente das últimas décadas*.
- De preferência, não se usar o indefinidor: antes de *qualquer, outro, certo, determinado* e *dado*; antes do demonstrativo tal; antes de semelhante como demonstrativo; antes de certas comparações; antes de expressões partitivas ou de quantidade indeterminada; antes de substantivos de adágios; em enumerações; em apostos; e em predicativos da segunda espécie.

- QUANTO AOS NUMERAIS:
  - Antes de numerais multiplicativos, sempre se põe artigo: *Há uma dupla maneira de dizê-lo*.
  - Quando adjetivo, *ambos* nunca exclui o artigo do substantivo a que se refere: *Ambos os homens*, e não '*Ambos homens*'. Mas não pode usar-se ambos com respeito a pessoas ou a

coisas que se oponham. *Sempre As duas partes chegaram a um acordo*, e não *Ambas as partes…*
- Sempre *Meio-dia e meia*, não *Meio-dia e meio*.
- Para designação de papas, de soberanos, de séculos e de partes de obra teatral, literária, etc., usam-se ordinais até décimo e cardinais daí por diante – sempre que o numeral vier posposto ao substantivo. Quando o numeral antecede ao substantivo, usa-se sempre o ordinal. Para designação de artigos de leis, decretos, etc., usam-se ordinais até nono e cardinais daí em diante. Em referência aos dias do mês, salvo o primeiro, usam-se cardinais.
- Não usar na escrita *meia* para *seis*.

- <u>QUANTO AOS VERBOS:</u>
  - Paradigmas dos verbos regulares: p. 307 e seguintes.
  - Verbos irregulares ou anômalos: p. 312 e seguintes.
  - Verbos defectivos: p. 325 e seguintes.
  - Verbos abundantes: p. 327 e seguintes. Alguns verbos, a par da forma regular do particípio – em *-ado* (na primeira conjugação) e em *-ido* (na segunda e na terceira conjugação) – têm uma forma irregular ou reduzida. Quando tal sucede, a forma regular emprega-se nos tempos compostos (acompanhada de *ter* ou de *haver*), enquanto a forma irregular se emprega acompanhada de *ser* (na formação da voz passiva), de *estar*, de *andar*, de *ir*, de *vir*, etc. Assim, *Tinha pagado*, mas *Foi pago*.
  - Nunca se use como particípios *bebo, chego, falo, trago*. Sempre: *bebido, chegado, falado, trazido*.
  - Verbos unipessoais e verbos "impessoais": p. 329 e seguintes.
  - Nunca se use o verbo *ter* em lugar de *haver* ou de *fazer* quando unipessoais ("impessoais"). Sempre *Não <u>há</u> ninguém em casa; Não o vemos <u>faz</u> dois anos*.
  - É preferível *ter de* a *ter que* para expressar fato que deve dar-se em futuro imediato: *Temos de conhecer as causas do sucedido*.
  - Pode usar-se *Está a estudar* por *Está estudando*.
  - Não usar o pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito. Sempre *Eu gostaria de que viesse*, e não *Eu gostava…*
  - É elegante a construção "Presente do indicativo de *haver* + de + infinitivo" pelo futuro do presente simples: *Hei de consegui-lo*.

- Quando *talvez* anteceder ao verbo, este vai para o subjuntivo; quando *talvez* se pospuser ao verbo, este vai obrigadamente para o indicativo: *Talvez seja belo*, mas *Ele é talvez belo*.
- Pode dar-se adversativa de adversativa: p. 344.
- *Posto que* não é sinônimo de *dado que*, senão que o é de a*inda que*: *Posto que* (= Ainda que) *chovesse, partiram.*
- Não se use *embora* se se trata de oração concessiva com o verbo elíptico, e sim *ainda que* ou *conquanto*: *Ainda que* [seja] *inteligente, tem dificuldades*, e não '*Embora inteligente*'...
- Nunca *Não faz isso*, e sim *Não faça(s) isso*.
- *Em* + gerúndio equivale a *assim que* e não a *enquanto* (diferentemente do que sucedia em outra época da língua): *Em chegando* (= assim que chegar) *à cidade*...
- Cuide-se com o "erro de paralelismo". Nunca *Não trabalhava há dois anos*, mas sim *Não trabalha há dois anos* ou N*ão trabalhava havia dois anos*. Com mais-que-perfeito, o verbo haver também vai para o imperfeito: *Casara-se havia dois anos*.
- *Há* usa-se para tempo decorrido ou passado. *A* usa-se para tempo vindouro ou com o sentido de *depois de* com respeito a tempo passado: *Não trabalha <u>há</u> dois anos; Casar-se-á daqui <u>a</u> um mês; <u>A</u> um ano de casados, nasceu-lhes o filho*. Para indicação espacial, sempre a: *<u>A</u> 100 metros*.
- Como o verbo expressa ação ou paixão, tem-se, em princípio, duas vozes verbais: a *voz ativa* e a *voz passiva*. A *voz reflexiva* e a *voz média ou medial* de Said Ali são ativas <u>segundo a figura</u> e variáveis <u>segundo a significação</u>: p. 359 e seguintes.
- Não há diferença semântica entre *ter* e *haver* quando usados como auxiliares nos tempos compostos. Estes últimos são constituídos de locução cujos "verbos" já não o são propriamente, senão que constituem partes morfológicas de origem verbal.

<u>QUANTO AOS ADVÉRBIOS:</u>

- No advérbio "lateja" o adjetivo: p. 370 e seguintes. Os advérbios que determinam substantivos ou pronomes substantivos são advérbios pelo que expressam, mas adjetivos pela função.
- *Ter lugar* não é galicismo. É expressão legítima, herdada do latim.

- Contrariamente ao que diz certo "rumor" gramatical, *de manhã, de tarde* e *de noite* são locuções adverbiais perfeitamente corretas.
- *De mau grado* é locução adverbial. *Malgrado* é preposição, ou substantivo.
- *De muito* = há muito tempo. *De pouco* = há pouco tempo.
- Quando pode comutar-se por *de menos*, use-se *de mais*: *Falou porém de mais* (ou *de menos*). *A mais* é equivalente a *de mais*, não a *mais*. *A menos* é equivalente a *de menos*, não a *menos*. Assim, escreva-se *Comprei mais dois CD's* (e não *a mais*); *Engordou: está com 8 quilos a mais* (= de mais).
- *Apenas* pode ter o sentido de *só, somente*, o sentido de *assim que, nem bem*, ou o sentido de *mal* (por exemplo, *Apenas te ouço*).
- *Inclusive* pode usar-se sem restrição quando pode comutar-se por *exclusive*: *De 1 a 10, inclusive*. Em outros casos, prefira-se *até* (*Uma situação delicada, até perigosa*), ou *incluído / incluindo* (*Compre-me todos os seus livros, incluídos* [ou incluindo] *os mais caros*).
- Não se use *e nem* senão quando acompanhar-se de *sequer* (explícito ou implícito), dado que *nem* já equivale a *e não*. Assim, nunca *Não estudou e nem dormiu*. Mas *Não veio, e nem* [sequer] *avisou* é construção corretíssima.
- Não se use *sequer* (= ao menos) com sentido negativo.
- *Tampouco* equivale a *também não*. Por isso, *nem tampouco* é pleonasmo vicioso.
- Quando numa oração dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, *podemos* unir o sufixo apenas ao último deles: *Os cavalos correm veloz, larga e fogosamente*. Mas quando se quer realçar as diferentes circunstâncias expressas pelos advérbios, então normalmente se mantém o sufixo em todos estes.
- Não devem usar-se formas hiperbólicas como *muitíssimo mal*, *muitíssimo obrigado*, ao menos na escrita não literária, mas sim *muito mal* ou *muito obrigado*.
- É impropriedade empregar os advérbios *melhor* (comparativo tanto de *bom*, como de *bem*) e *pior* (comparativo tanto de *mau*, como de *mal*) antes de particípio: *mais bem dito*, e não *melhor dito*. Admite-se o comparativo quando posposto ao particípio: *As paredes da sala estão pintadas melhor que as dos quartos*.

- Evite-se o grau dimensivo do advérbio na escrita não literária. Use-se *muito cedo* ou *muito perto*, em lugar de *cedinho* ou *pertinho*.
- Evite usar-se, na mesma oração, *mais* e *já*. Se se pode comutar por *nunca mais*, pode usar-se *mais*, desde que não haja risco de ambiguidade; se não se pode fazer tal comutação, use-se *já*. Assim, deve-se escrever *Ele já não vem aqui*, sob pena de ambiguidade. Mas pode-se escrever *Ele não virá mais* (= nunca mais) *aqui*.

- QUANTO ÀS PREPOSIÇÕES:
  - *Entre* = no meio de. *Dentre* = do meio de. Assim, *Entre os grandes escritores, está Dickens*, mas *Apanhou o livro dentre os demais*.
  - A preposição *de* não se contrai com nada quando rege infinitivo: *Já está na hora de ele pensar nisto a sério*.
  - A *fim de* = para. É gíria brasileira, sem lugar pois na língua culta, a expressão *estar a fim de algo* (= desejar algo). *Afim* é adjetivo: *livros afins*.
  - *Através de* pode equivaler a *mediante* ou *por meio de*. Erram os puristas que impugnam o emprego da referida locução nessa acepção.
  - *Em baixo de* é preferível a *embaixo de*.
  - Sempre *em lugar de*, não *no lugar de*.
  - *Em vez de* equivale tanto a *em lugar de*, quanto a *ao invés de*. Esta última locução, por sua vez, equivale a *ao contrário de*. Então, *Dormiu em vez de* (ao invés de / ao contrário de) *ficar acordado*, mas *Dormiu em vez de* (em lugar de) *estudar*.
  - *Mais além de* não é do melhor português. Use-se *além de* ou *para além de*.
  - *Até* pode seguir-se ou não da preposição *a* quando rege substantivo antecedido de artigo. O português lusitano sempre usa até acompanhado de *a*, o que é de seguir-se: *Falou até ao enjoo*.
  - Prefira-se *desde* em par com *até*, e *de* em par com *a*, em construções como *Caminhou desde a escola até à casa do amigo* / *Caminhou da escola à casa do amigo*. Mas não se use *desde* em lugar de *de* fora do par com *até* como expressão equivalente a *lugar de onde* ou *ângulo do qual ou pelo qua*l: *Da janela* (não 'desde a janela') *via o mar, ou Deste / Por este ângulo* (não 'desde este')...

- Se alguém *foi a casa*, foi para não ficar; se *foi para casa*, foi para ficar. A mesma diferença vale para *Foram à África* e *Foram para a África*.
- Com os verbos *dandi, dicendi* e *rogandi* prefira-se *a* a para: *Pediu aos familiares*, em vez de *Pediu para os familiares*.
- *Por este aspecto* é preferível a *Sob este aspecto*.
- Se numa sequência de substantivos o primeiro estiver antecedido de preposição, em princípio todos os demais também deverão estar: *Viajamos com Maria e com José*; *Necessitam de livros, de cadernos, de canetas...*; *É apto para uma e para outra função*; etc. Mas não se deve repetir a preposição: quando o segundo substantivo significa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o primeiro; quando os substantivos constituem entre si algo uno.

3. Sintaxe

Parte da gramática que trata das funções das palavras na frase e das relações estabelecidas entre elas (Dicionário Houaiss).

❖ PALAVRA: unidade significativa mínima da linguagem.

↓

❖ GRUPOS SUBSTANTIVOS: *moça bela*.
❖ GRUPOS ADJETIVOS: *do sexo masculino*.
❖ GRUPOS ADVERBIAIS: *nesta noite*.

↓

❖ ORAÇÃO: é conceito analógico. Diz-se de vários, mas realiza-se mais perfeitamente em um.

↓

- Antes de tudo, diz-se ORAÇÃO do grupo substantivo. Trata-se, naturalmente, de ORAÇÃO imperfeitíssima, porque ainda à espera de um juízo: *A moça* [é / não é] *bela*.
- De modo mais próprio, diz-se ORAÇÃO de qualquer reunião de palavras que contenha um substantivo ou correlato e um verbo: *Quando começou a chuva...* Trata-se ainda de ORAÇÃO imperfeita, porque incompleta.
- Somente pode dizer-se ORAÇÃO PERFEITA da reunião de palavras que, além de conter ao menos um substantivo e um verbo, encerra sentido completo: *Quando começou a chuva, voltamos para casa*.

❖ FRASE: Todo e qualquer conjunto de palavras terminado em sinal de pontuação final, seja este sinal ".", "?", "!" ou "...". – A única exceção é a primeira frase de um texto.

OBS: Não há espécies de *frases*, mas apenas espécies de *oração* segundo a intenção do falante ou do escrevente. Há *seis tipos* de orações:

(i) Enunciativas (ou assertivas, ou declarativas): *Este livro é bom.*;
(ii) Imperativas: *Estuda!*;
(iii) Deprecativas: *Ajude-me, senhor.*;
(iv) Dubitativas: *Este livro talvez seja bom.*;
(v) Suspensivas: *Comprou cadernos, canetas, borrachas...*;
(vi) Assinalativas (ou indicativas): *Fogo!*.

As orações vocativas (*Venha, ó grande Pedro*) não são perfeitas. As exclamativas (*Folgo em ver-te!*) reduzem-se às enunciativas. As optativas (*Que tenham sucesso nisso*) reduzem-se às deprecativas. E as interrogativas (*É bom este livro?*) reduzem-se às enunciativas ou às imperativas.

❖ FUNÇÕES SINTÁTICAS: são as exercidas na oração por certas palavras com respeito a outras e segundo sua mesma natureza.

Antes de tudo, são termos da oração o SUJEITO e o PREDICADO. A tradição gramatical os chama, de modo pouco feliz, "termos essenciais" da oração. SUJEITO é aquilo de que se predica algo. PREDICADO é aquilo que se predica do sujeito.

Todos os demais termos da oração são parte ou do sujeito ou do predicado; e ou são PARTE INTEGRANTE de um nome ou de um verbo, ou são PARTE ADJUNTA de um nome ou de um verbo.

São ditas PARTES INTEGRANTES (ou TERMOS INTEGRANTES) da oração as partes intrínsecas do núcleo do SUJEITO, do núcleo do PREDICADO (ou ainda do núcleo do PREDICATIVO). Tais partes completam o sentido do nome ou do verbo, e sem elas o nome ou o verbo sequer significariam perfeitamente. Classificam-se em: COMPLEMENTO NOMINAL e COMPLEMENTO VERBAL.

São ditas PARTES ADJUNTAS (ou TERMOS ADJUNTOS) as partes extrínsecas do núcleo do SUJEITO, do núcleo do PREDICADO (ou ainda do núcleo do PREDICATIVO). Note-se que tais termos são partes intrínsecas do mesmo SUJEITO, do mesmo PREDICADO (ou do mesmo PREDICATIVO), conquanto sem elas o nome ou verbo já signifique perfeitamente. Classificam-se em: ADJUNTO ADNOMINAL, APOSTO e ADJUNTO ADVERBIAL.

Morfologia e Sintaxe recobrem-se grandemente. Cada classe gramatical, por sua própria natureza, exerce determinadas funções sintáticas na oração. Assim,

- O SUBSTANTIVO pode exercer a função de SUJEITO, de PREDICATIVO, de COMPLEMENTO NOMINAL, de COMPLEMENTO VERBAL ou de APOSTO.
- O ADJETIVO pode exercer a função de ADJUNTO ADNOMINAL ou de PREDICATIVO.
- O VERBO será sempre PREDICADO (ou núcleo do PREDICADO).
- E o ADVÉRBIO pode exercer a função de ADJUNTO ADVERBIAL ou de PREDICATIVO.

- SUJEITO:
  - Não há orações "sem sujeito", ao menos *segundo o significado*. Apenas as há *segundo a figura*: p. 404 e seguintes.
  - Orações de sujeito indeterminado:
    - O sujeito pode ser determinado segundo a figura e indeterminado segundo a significação: *Alguém* (= Homem) *fala mal daquela moça*.
    - O sujeito pode ser indeterminado segundo a figura e segundo a significação. Trata-se de um caso especial da oração "sem sujeito" (segundo a figura): *Falam mal daquela moça*.
    - Finalmente, o sujeito pode ser indeterminado segundo a significação e *como* determinado segundo a figura: *Fala-se mal daquela moça*. Neste caso, o *como* pronome indefinido *se* é, *de certo modo*, o sujeito (segundo a figura) da oração.
  - O sujeito pode ser *simples* (quando tem um só núcleo), *composto* (quando tem dois ou mais núcleos) ou *oracional* (quando é constituído de oração subordinada substantiva [subjetiva]).

- PREDICADO:
  - *Verbal*: tem por núcleo um verbo: *João compra livros*.
  - *Nominal*: tem um duplo núcleo constituído de verbo de cópula + predicativo: *João é professor*.
  - *Verbo-Nominal*: tem um duplo núcleo constituído de verbo não de cópula + predicativo, seja este do sujeito, seja este do objeto (direto ou indireto): *O trem chegou atrasado*; A Bahia elegeu Rui Barbosa senador.

  OBS 1: Considerando-se que todo verbo se reduz a verbo *ser* + predicativo, todos os predicados verbais reduzem-se a predicados nominais. Estes últimos, por seu lado, reduzem-se a predicados verbo-nominais com o verbo *ser* voltando a sua origem intransitiva: *João compra livros -> João é comprante de livros -> João é* e *é comprante de livros*.

OBS 2: bem por isso, por certo ângulo, também o PREDICATIVO pode dizer-se "termo essencial" da oração.

- PARTES INTEGRANTES (ou TERMOS INTEGRANTES):

  - COMPLEMENTO NOMINAL: é o termo que integra a significação de um nome, seja este substantivo ou correlato, adjetivo ou correlato, ou advérbio ou correlato. Vem sempre *regido* de preposição. *O voo* [substantivo] *a Belo Horizonte não enfrentou turbulência alguma. A sentença foi favorável* [adjetivo] *ao réu. Pronunciaram-se contrariamente* [advérbio] *à guerra*.

  - COMPLEMENTO VERBAL: Classifica-se em:

    - COMPLEMENTO ACUSATIVO (ou OBJETO DIRETO): em princípio, é o complemento que, na voz ativa, designa o paciente da ação verbal.
      - Os pronomes *o, a, os, as* são sempre acusativos. Os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos, se* podem ser tanto objeto direto, como objeto indireto. Os átonos *lhe, lhes* são sempre dativos.
      - Em princípio, encontra-se o objeto direto mediante pergunta com *o que* ou *a quem* pospostos ao verbo.
      - O objeto direto *obrigatoriamente* preposicionado:
        - Quando o exerce pronome pessoal oblíquo tônico.
        - Quando o exerce o pronome *quem*.
        - Quando o exerce o nome *Deus*.
        - Quando o exerce substantivo (ou grupo substantivo) coordenado a objeto direto pronominal: *Louvam-no e a seus colaboradores*.
        - Com verbo TD na terceira do singular + pronome indefinido *se*: *Matou-se a muitos soldados*.
        - Quando o exerce substantivo antecedido de conjunção comparativa: *Eu antes o que queria que ao doutor*.
        - Quando o exerce qualquer nome próprio ou qualquer nome comum, para evitar ambiguidade: *A mãe ao próprio filho não conheça*.
      - O objeto direto é *eletivamente* preposicionado:
        - Quando o exerce algum pronome referente a pessoa (*ninguém, alguém, outro, todos*, etc.).
        - Quando o exerce algum pronome de reverência (*V. Ex^{a}*, etc.).
        - Quando o exerce qualquer nome próprio ou qualquer nome comum.
        - Quando o objeto direto antecede ao verbo, especialmente se se dá pronome pleonástico: *Aos ministros todos os adoram, mas ninguém os crê*.
        - Quando a preposição tem caráter partitivo: *Do pão mais velho comia*.

- Em certas construções em que a preposição superpõe matiz significativo ao nome acusativo: *Cumprir com o dever; Sacar da espada.*

- O "objeto direto interno" não é propriamente objeto direto porque é complemento de verbo intransitivo. Pode-se considerá-lo adjunto adverbial modal ou então efetivo complemento mas de ver TD de que faz as vezes um verbo intransitivo: pp. 433 – 434.

- COMPLEMENTO INDIRETO: todo e qualquer complemento verbal que se antecede necessariamente de preposição. Classifica-se em:
  - COMPLEMENTO DATIVO (ou OBJETO INDIRETO):
    - Os pronomes *lhe, lhes* são sempre dativos. Os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos, se* podem ser tanto objeto direto, como objeto indireto. Os átonos *o, a, os, as* são sempre acusativos.
    - Há os *dativos livres*, isto é, independentes do verbo:
      - ✓ *Dativo de interesse*: indica a quem beneficia ou prejudica determinada ação: *Acendeu-me a luz da sala.*
      - ✓ *Dativo ético*: enfatiza que o sujeito da oração espera de seu interlocutor ou de outrem determinada ação, ou ainda que algo lhe interessa vivamente. Reduz-se ao dativo de interesse: *Não me vás desobedecer à tua tia.*
    - O "dativo de posse" não é livre, mas dativo puro e simples: *Tremiam-lhe as pernas.*

  - COMPLEMENTO INDIRETO RELATIVO: distingue-se do dativo porque não significa pessoa ou coisa a que se destina a ação, nem, como os dativos livres, pessoa em cujo proveito ou prejuízo a ação se realiza, mas, como o objeto direto, significa ente sobre o qual recai a ação. Ademais, não se comuta, na terceira pessoa, pelos oblíquos átonos *lhe, lhes,* mas pelos tônicos *ele, ela, eles, elas* precedidos de preposição. Ex: *Assistir a um concerto* (a ele); *Obedecer às leis* (a elas)*; Reparar num detalhe* (nele), etc.

- COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL: é de natureza adverbial. Não se confunde com os complementos indiretos porque nem sempre vem introduzido de preposição. Ex: *Iremos à Hungria* (Mas em *Almoçaremos na Hungria*, *na Hungria* é Adjunto Adverbial); *Vivem em Portugal* (Mas em *Vive muito, muito* é Adjunto Adverbial); *Pesa 80 Kg*; *Vale uma fortuna*. O

complemento circunstancial não introduzido de preposição está em fronteira turva com o acusativo.
    - Não se diga *sito ou situado à Rua tal*, mas *sito ou situado na Rua tal*.

- AGENTE DA PASSIVA: é o complemento do verbo (ou antes, locução verbal) na voz passiva. Significa o praticante da ação verbal padecida pelo sujeito paciente. Sempre se introduz de preposição: via de regra, *por / per*, mas também *de*. Alguns gramáticos o consideram, não sem razão, adjunto adverbial de agente: p. 446.

PARTES ADJUNTAS (ou TERMOS ADJUNTOS):

- ADJUNTO ADNOMINAL: designa todo e qualquer adjetivo (qualificativo ou determinativo) em sua função sintática de determinar qualquer substantivo.
    - O adjunto adnominal não admite separação do substantivo que determina.
    - Adjunto adnominal distingue-se, conquanto nem sempre de modo fácil, de complemento nominal. Se o termo se liga a adjetivo, ou a advérbio, *quase* sempre será complemento nominal: p. 454. Se o termo se liga a substantivo, será complemento nominal quando o substantivo for *intransitivo*, ou seja, quando for *substantivo abstrato de ação* (correspondente a verbo da mesma família), ou *substantivo abstrato de qualidade*, derivado de adjetivo que possa usar-se *transitivamente*.
      Exemplos: *Copo de vinho* é adjunto adnominal, mas *Invasão da cidade* é complemento nominal. Outros exemplos de *complemento nominal*: *Inversão da ordem; Obediência aos pais; Certeza da vitória; Fidelidade aos amigos*; *Ofensivo à honra; Prejudicial à saúde; Igual a mim; Tolerante com os amigos; Independentemente de minha vontade*. Outros exemplos de *adjunto adnominal*: *Rosa com espinhos; As paredes da casa; Amor de mãe; O comportamento dos animais; Mesa de madeira*.

- APOSTO: termo substantivo que *especifica, enumera, resume, distribui, compara* ou *explica* outro termo substantivo.
    - O aposto "especificativo" é mais bem chamado "individualizador ou de individualização": *O poeta Olavo Bilac; O rio Tejo; A cidade de Lisboa; O mês de agosto; O ano de 1983*. Não medeia nenhuma espécie de sinal de pontuação entre esta espécie de aposto e o substantivo a que se refere.

- Reduz-se a aposto individualizador o que se chama *aposto de epíteto (ou de alcunha) – Felipe, o Belo; Ivã, o Terrível –* que vem com vírgula obrigatória em português.
- O *aposto enumerativo* sempre se separa do substantivo por algum sinal de pontuação: *Eis três mulheres bíblicas: Sara, Rebeca e Lia*.
- O *aposto resumitivo, não raro*, é o sujeito da oração, e o que se enumera, isto sim, é o aposto antecipado: *As cidades, os campos, os vales, os montes, tudo* (sujeito de) *era mar*. Mas há verdadeiro aposto resumitivo em: *Foram imprecisas suas explicações, fato* (ou *coisa*, ou *o*) *que nos desgostou a todos*.
- *Aposto distributivo*: *Marta e Sônia são ótimas alunas,* (ou :, ou -) *esta em Gramática, aquela em Matemática*.
- O *aposto comparativo* separa-se por vírgula do substantivo: *Os olhos do felino, faróis na escuridão, vasculhavam a selva*.
- Também entre o *aposto explicativo* e o substantivo sempre medeia vírgula: *Cervantes, o primeiro romancista, era homem das armas e das letras*.
- O aposto, conquanto substantivo, reduz-se a adjetivo. Mais precisamente: o aposto é remédio cristalizado que se reduz a *oração + vírgula + 'que' que introduz 'oração adjetiva explicativa'*: p. 458 – 460.

- ADJUNTO ADVERBIAL: função exercida por qualquer advérbio (ou qualquer grupo adverbial) sempre em referência a verbo, a adjetivo, a advérbio, a algum substantivo ou, ainda, a alguma oração: *Vê-a diariamente; É quase major; Infelizmente, não vieram; Para mim, o argumento é frágil; Morreu de sede; Só com a leitura é possível escrever bem*.

- VOCATIVO: é a função sintática exercida por nome (ou grupo nominal) apelativo, ou seja, o que se usa para chamar, interpelar, dirigir-se ou a alguém, ou a animal, ou ainda a qualquer coisa personificada.
  - O vocativo *sempre* se separa da oração por vírgula ou por sinal de exclamação: *Senhor, dê-me uma esmola; Sim, senhor; Ó Maria! (A) ajude-me*.

❖ AS ESPÉCIES DE ORAÇÃO: As orações são como expansões de palavras. Têm natureza substantiva, adjetiva ou adverbial, e exercem as mesmas funções sintáticas que as palavras exercem. Por isso, também se classificam em *completivas* (ou *integrantes*) e *adjuntivas*.

- ORAÇÕES SUBORDINADAS: *todas* as orações são subordinadas, ao menos *segundo a significação*, sejam elas sindéticas, sejam elas assindéticas; *segundo a figura*, quando assindéticas, pode dizer-se coordenadas.

  - COMPLETIVAS OU INTEGRANTES: incluem apenas as orações subordinadas substantivas. Dividem-se em tantas espécies quantas são as funções sintáticas que exercem. Quando desenvolvidas, introduzem-se pela conjunção integrante (*que*), pela conjunção condicional (*se*), ou ainda por pronome ou por advérbios interrogativos.

    - SUBJETIVAS: *Convém que compareças à celebração; Convém compareceres à celebração; Parece que choverá logo mais; Não se sabe se haverá aula amanhã.*

    - PREDICATIVA: *O terrível é que esta moléstia destrói a vontade; O terrível é esta moléstia destruir a vontade.*

    - OBJETIVA DIRETA: *Disse que lhe agradou a película; Perguntam quem os ajudará; Diga-lhes onde se encontra essa obra; Ignoramos de que sejam estes versos.*

    - COMPLETIVA RELATIVA: *Lembrei-me de que o conhecera num museu; Gosta de lembrar-se da infância.*

    - COMPLETIVA NOMINAL: *Tivemos certeza de que estava ali a verdade; Agora temos necessidade de descansar.*

    - APOSITIVA: *Um temor o perseguia: que a velhice lhe enfraquecesse a fibra de guerreiro; Só não admitia isto: conviver com a mentira.*

    OBS: As ORAÇÕES OBJETIVAS INDIRETAS só o são segundo a figura; segundo a significação, reduzem-se a ORAÇÕES ADJETIVAS "RESTRITIVAS": *Dissemo-lo a quem interessar pudesse* reduz-se a *Dissemo-lo às pessoas* (ou *àqueles*) *a quem interessar pudesse*, onde *a quem interessar pudesse* é ORAÇÃO ADJETIVA "RESTRITIVA" de *pessoas*.

  - ADJUNTIVAS:

    - ADJETIVAS (*LATO SENSU*): Introduzem-se por algum relativo: *que, quem, o qual* (etc.), *cujo* (etc.), *quanto* (etc.), *onde, quando ou como*.

- ADJUNTIVAS ADNOMINAIS ou ADJETIVAS (*STRICTO SENSU*): chamadas pela tradição gramatical de ADJETIVAS "RESTRITIVAS": *Chegou a mulher de Ricardo <u>que se chama Sônia</u>; Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem <u>que era ateu</u>; Eram navios <u>levando escravos</u>; Estiveram em nossa casa amigos <u>vindos da cidade</u>.*

- PREDICATIVAS EXPLICATIVAS: *Chegou a mulher de Ricardo, <u>que</u>* (ou *a qual*) *<u>se chama Sônia</u>; A moça, <u>que é inteligente</u>, alcançou-o; Bendito e louvado seja Deus, <u>por quem foste criada</u>.*
  - As predicativas explicativas não se reduzem a nenhuma forma nominal.
  - As adjetivas adjuntivas adnominais não admitem separação do substantivo. As predicativas explicativas *sempre* se separam por vírgula (ou por travessão) do substantivo que determinam.

- ADVERBIAIS: sempre exercem a função de adjunto adverbial.

  - DA PRIMEIRA ESPÉCIE (chamadas pela tradição gramatical de "COORDENADAS"):
    - ADITIVAS (*E*): *Chegou a casa <u>e foi imediatamente para a biblioteca</u>; Dois <u>mais dois</u> são quatro; Marcos <u>com seus primos</u> começaram o trabalho; Disse que viria, <u>e não veio</u>.*
    - ALTERNATIVAS ou DISJUNTIVAS (*OU*): *Ser <u>ou não ser</u>, eis a questão; <u>Ou estudas</u>, <u>ou serás reprovado</u>; <u>Nem</u>* (ora, já) *<u>brinca</u>* (,) *<u>nem</u>* (ora, já) *<u>estuda</u>; <u>Quer chova</u>* (,) *<u>quer faça sol</u>, irão; <u>Seja difícil</u>* (,) *<u>seja fácil</u>, empreendê-lo-emos.*
    - ADVERSATIVAS (*MAS*): *Disse que viria, <u>mas não veio</u>; Isso é interessante, <u>mas vamos ao assunto principal</u>.*
      - ✓ *Não obstante* pode usar-se como conjunção adversativa (*Estava esgotado; <u>não obstante prosseguiu</u>*), mas também como preposição (*Não obstante estar esgotado, prosseguiu*).

- ✓ Em Portugal, *entretanto* só se usa como advérbio, com o sentido de *nesse ínterim, entrementes*: *Entretanto, estudava*. No Brasil, só se usa como conjunção adversativa: *Estava esgotado; entretanto, prosseguiu*. Convém, por isso, evitar seu uso.
- ✓ As adversativas (salvo *mas*) podem deslocar-se do rosto para o meio da oração. Quando o fazem, deixam de ser conjunções e voltam à origem adverbial.

➢ EXPLICATIVAS (*PORQUE*): *Apressemo-nos, porque* (que, pois, pois que) *podemos atrasar-nos*.

- ✓ *Pois* é quase sempre conjunção explicativa. Por vezes, é *continuativa*. Também pode expressar *conclusão* quando posta no meio da oração, mas então é sempre advérbio.
- ✓ *Dado que, já que, uma vez que, visto que* são antes de tudo *causais*, mas podem usar-se aqui e ali como explicativas.

➢ CONCLUSIVAS ou ILATIVAS (*PORTANTO*): *Penso, logo* (portanto, por conseguinte, por consequência, por isso) *sou*.

- ✓ À exceção de *logo*, as conclusivas podem deslocar-se do rosto para o meio da oração. Quando o fazem, voltam à origem adverbial.

➢ CONTINUATIVAS (*ORA*): *O cão é um animal doméstico; ora* (pois bem, com efeito, de fato, mas), *todo e qualquer animal é mortal; logo, o cão é mortal.*

- ✓ *Com efeito, de fato*, e outras, também podem deslocar-se para o meio da oração. Voltam, assim, à origem adverbial.

▪ DA SEGUNDA ESPÉCIE (tradicionalmente chamadas de "SUBORDINADAS ADVERBIAIS"): Quando desenvolvidas, introduzem-se ou por conjunção ou por advérbio (como *quando* e *como*). A maioria também pode ser reduzida.

- CAUSAIS (*PORQUE*): *Fá-lo-ei* (,) *porque* (dado que, já que, desde que, visto que, visto como) *és tu quem mo pedes.*
  - ✓ *Porquanto* põe-se apenas depois da subordinante e pode separar-se desta por vírgula.
  - ✓ Quando pospostas à subordinante, é preferível não separar as causais mediante vírgula. Quando antepostas, a vírgula é *obrigatória*.
- CONCESSIVAS (*EMBORA* e *AINDA QUE*): *Não o faria* (,) *ainda que* (ainda quando, mesmo que) *mo pedisses tu; Embora* (conquanto, apesar de, posto que, se bem que) *seja obra bem construída, falta-lhe força;* (Por mais) *Poderosos que sejam, a verdade não se curvará a eles*.
  - ✓ As concessivas vêm *sempre* com verbo no *subjuntivo*.
  - ✓ Pontuam-se como as causais: se pospostas, a vírgula é opcional; se antepostas, obrigatória.
  - ✓ Com a concessiva introduzida por *sem que* posposta à subordinante, o preferível é nunca separar-se desta por vírgula: *Compreendeu-o perfeitamente sem que se esforçasse muito.*
- CONDICIONAIS ou HIPOTÉTICAS (*SE*): *Eu empreendê-lo-ia* (,) *se tivesse 20 anos*; *Se não te esforças, como queres progredir?; Caso* (dado que, desde que, uma vez que) *desapareça a causa, cessará o efeito*.
  - ✓ Requerem, em princípio, verbo no subjuntivo (pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito ou futuro), conquanto seja lícito pô-lo no indicativo.
  - ✓ Pontuam-se como as causais e as concessivas.
- CONFORMATIVAS (*COMO*): *Tudo se passou como* (conforme, consoante) *Marcos o previra; Segundo os pressupostos, a conclusão não pode ser senão esta*.

- COMPARATIVAS (*COMO*): *Como paralelas que nunca se encontram*, (assim) *caminham agora aqueles amigos de juventude; O silêncio é mais precioso* (do) *que o outro; Você procedeu tal qual* (como) *eu esperava; Não posso pensar como tu*.
  - ✓ *Como se* pede verbo no imperfeito do subjuntivo: *O velho fidalgo estremeceu como se acordasse sobressaltado*.
- CONCECUTIVAS (*QUE*): *É tão generoso* (,) *que impressionava a todos*; *Não abre a boca nenhuma vez* (,) *que não diga a verdade*; *Teve de trabalhar a*(o) *ponto de esgotar-se*.
  - ✓ O intensificador (*tão, tal* ou *tamanho*) pode, por vezes, elidir-se: *Deus! Ó Deus! onde estás que não respondes* [em que lugar tal estás que].
- FINAIS (*PARA QUE*): *Todos necessitamos de muita força de vontade para que* (porque, a fim de que) *vençamos o orgulho.*
  - ✓ Vêm *sempre* com verbo no *subjuntivo*, quando desenvolvidas.
  - ✓ Quando pospostas, *não* se antecedem de vírgula. Quando antepostas, *sempre* se lhes segue vírgula.
- MODAIS: Não há modais desenvolvidas em português, tão só gerundiais: *A disciplina militar prestante não se aprende, Senhor, na fantasia, sonhando, imaginando, ou estudando, senão vendo, tratando e pelejando*.
- PROPORCIONAIS (*QUANTO MAIS*... [TANTO] *MAIS* ou *QUANTO MAIS*... [TANTO] *MENOS*, etc.): *Quanto mais a escuto,* (tanto) *mais a aprecio; Quanto maior a altura,* (tanto) *maior é o tombo; Crescemos em sabedoria à proporção que* (à medida que, ao passo que) *envelhecemos*.
  - ✓ *Ao passo que* também pode ser equivalente a enquanto em construções opositivas: *Enquanto* (ao passo que) *uns se decepcionaram, outros se deleitaram*.

- TEMPORAIS (*QUANDO*): *Quando a morte chegou, encontrou-o em paz; Antes que* (ou *primeiro que*) *comeces a ensinar, deves preparar-te um pouco mais; Apenas* (mal, nem bem, assim que) *entrou, todos a aplaudiram; Sempre que* (cada vez que, todas as vezes que) *vejo esta gravura, não posso deixar de admirá-la; Temos de lutar desde que nascemos até que morremos*.

❖ REGÊNCIA VERBAL: Regência é a relação sintática entre um termo regente – o que requer – e um termo regido – o que é requerido. Assim, todo e qualquer complemento é termo regido, quer de um nome – quando se diz complemento nominal – quer de um verbo – quando se diz complemento verbal. Mas, se é assim, então o estudo da regência é duplo (nominal ou verbal) e se faz do ângulo do termo regente: diz-se a regência de tal nome ou de tal verbo. Aqui estudaremos apenas a regência verbal e, dentro desta, os verbos de regência mais duvidosa: p. 503 e seguintes.

- Sempre *Chegou a casa às 8 horas*, e não *Chegou em casa*.
- Sempre *Custou-me entender*, e não *Custei a entender*. O que é custoso é o sujeito; a pessoa a quem é custoso é o dativo.
- *Esqueci / Olvidei / Lembrei a lição*; *Esqueci-me* (etc.) *da lição*; ou *Esqueceu-me* (etc.) a *lição*. Se se usa o verbo como não pronominal, o verbo não aceita o complemento relativo introduzido por *de*. Nunca, portanto, *Esqueceram de mim*, mas *Esqueceram-se de mim* ou *Esqueceram-me*.
- Sempre *Isso implicará graves consequências*, e não *Isso implicará em graves consequências*.
- Não *A carta foi respondida*, mas sim *Respondeu-se à carta*. Na primeira fase, mantém-se, indevidamente, a regência direta que o verbo já teve em outra época da língua. No padrão culto atual, r*esponder*, como *obedecer*, pede algum complemento indireto, seja dativo (com objeto direto ou sem ele), seja relativo + adjunto adnominal.
- *Perdoa as injúrias* ou *Perdoa-lhes as injúrias,* e não *Perdoa às injúrias* ou *Perdoa-os*. O mesmo diga-se de *pagar*.
- Nunca *Pedimos para ele nos dizer a verdade*, mas sim *Pedimos-lhes que nos dissesse a verdade*. O mesmo vale para todos os verbos *rogandi*: não *Rogou para que voltasse*, mas sim *Rogou-lhe que voltasse*. Quando o objeto direto não está elíptico, tais verbos são bitransitivos diretos e a dativo.

- Não *Prefere mais os livros que os bailes*, mas sim *Prefere os livros aos bailes*.
- Sempre *O ensino visava ao progresso social*.
- *Eles devem aparecer* = Eles têm de aparecer ou Eles aparecerão com certeza. *Eles devem de aparecer* = Talvez apareçam.

❖ CRASE: Só há uma regra da crase: usa-se o acento grave ou indicativo de crase quando ocorre a fusão (ou seja, a *crase* -> do grego *krasis*, *ação de misturar*) da preposição *a* com: o artigo feminino *a, as*; o pronome demonstrativo *a, as*; o *a* da locução pronominal *a qual, as quais*; o *a* inicial de *aquele(s), aquela(s), aquilo, aqueloutro(s), aqueloutra(s)*. Assim, *Dei o livro à menina* e *Foram à Espanha*, mas *Pacientes submetidos a quimioterapia; A pretensão da Linguística a ciência; José foi a casa e já volta; O capitão do navio foi a terra; Foram a Paris; Entregamos o convite a Maria*.

- Em *Deu o livro a sua amiga* não há, a rigor, crase: *Deu o livro a seu amigo*. Mas pode-se usá-la por razões diacríticas. Sugere-se apenas que se mantenha a coerência ao longo de um texto.
- Sempre se dá crase antes de possessivo feminino se não se segue, explicitamente, nenhum substantivo: *A admoestação dirigia-se a* (ou *à*) *minha amiga, não à sua*.
- *Chegaremos à uma hora* tem crase porque *uma* é numeral.
- Há crase antes dos pronomes de tratamento *senhora* e *senhorita*: *Eu referia-me à senhora, Dona Isabel*.

- Além da regra única da crase, sem exceções, há um USO ESPECIAL – diacrítico – do acento grave: põe-se este acento sobre o *a* que inicia locuções (ou grupos) adverbiais na função de adjunto adverbial, locuções prepositivas e locuções conjuntivas com núcleo feminino. Exemplos: *à mão, à espada, à força, à imitação de, à maneira de, à medida que, à noite, à pressa, à proporção que, à semelhança de, à toa, à vontade, à vista, à vista de, às claras, à beira de, à ventura, à distância,* etc.
  - *À medida que* é proporcional; *na medida em que* é causal.
  - Em *a vela* e *a gasolina* não se deve pôr crase porque tais locuções *podem* considerar-se adjuntos adnominais. Mas *à caneta* e *à máquina*, porque inequivocamente adjuntos adverbiais.

❖ CONCORDÂNCIA NOMINAL E CONCORDÂNCIA VERBAL: Diz-se CONCORDÂNCIA NOMINAL a de qualquer palavra de cunho adjetivo

com alguma palavra de cunho substantivo, ao passo que se diz CONCORDÂNCIA VERBAL a de qualquer verbo como predicado com alguma palavra de cunho substantivo como sujeito.

- CONCORDÂNCIA NOMINAL: Há apenas uma regra: o adjetivo (ou equivalente) concorda em gênero e em número com o substantivo (ou equivalente) que ele determina. Assim:
  - Substantivo único, masculino ou feminino, singular ou plural -> Adjetivo em tal gênero e em tal número: *Carruagens pretas*.
  - Dois ou mais substantivos do mesmo gênero -> Adjetivo em tal gênero e no plural: *Os livros e os cadernos encontrados*.]
  - Dois ou mais substantivos de gênero diferente -> Adjetivo no masculino-neutro e no plural: *A língua e o vigor espanhóis; Os livros e as anotações encontrados*.
  - Se o sujeito é uma oração (plena ou reduzida), o adjetivo predicativo fica no masculino-neutro singular: *É justo que uma nação venere seus poetas*.
  - A *A Primeira e a Segunda Guerra Mundiais* prefira-se *A Primeira* (Guerra Mundial) *e a Segunda Guerra Mundial*.

  OBS: A concordância "parcial" advogada por grande parte da tradição gramatical é de evitar, porque conduz, não raro, a construções ambíguas: p. 525 e seguintes. Havendo risco de ambiguidade, sobretudo quando o adjetivo vier anteposto ao verbo, prefira-se repetir o adjetivo ou dar outro torneio à frase: a *Tinha por ele alto respeito e admiração* prefira-se *Tinha por ele alto respeito e alta admiração*; a *Estava aberta a janela e o portão* prefira-se *Estava aberta a janela e estava aberto o portão* ou *Estava aberta a janela, e o portão*; a *Estudo as línguas e as civilizações ibéricas* prefira-se *Estudo as civilizações ibéricas e suas línguas*.

- CONCORDÂNCIA VERBAL: conta com uma regra geral, com uma regra especial e com algumas particularidades e exceções insuperáveis. REGRA GERAL: o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito a que se atribui. Assim:
  - Sujeito simples -> Verbo em tal número e em tal pessoa: *Eu ouço; Fazes tu;* etc.
  - Sujeito composto:
    - Primeira pessoa + terceira pessoa -> Verbo na primeira do plural: *Eu e papai queremos*.
    - Segunda pessoa + terceira pessoa -> Verbo na segunda do plural: *Tu e mais eles todos sereis salvos*.

- Terceira pessoa + terceira pessoa -> Verbo na terceira do plural: *Roberto e o milagreiro <u>chegaram</u> logo*.

OBS: A concordância "parcial" também aqui é de evitar, e não raro constitui puro e simples erro.

- VARIAÇÕES DA REGRA GERAL:
  - *Um e outro* -> Verbo no plural: *Uma* [coisa] *e outra lhe <u>desagradaram</u>*.
  - *Um ou outro* -> Verbo no singular (é exceção consagrada): *Um ou outro vaga-lume <u>tornava</u> mais vasta a escuridão*.
    - Pode usar-se *Um que outro* em lugar de *Um ou outro*.
  - *Nem um, nem outro* -> Se o par se parte por vírgula, verbo no singular; se não, verbo no plural: *Nem um nem outro <u>serão</u> eleitos*.
    - Não se diga *Nem um nem outro se respeitam*, mas *Não se respeitam um ao outro*.
  - *Um dos que* -> Verbo sempre no plural: *Um dos que mais <u>trabalhavam</u>*.
  - *Mais de um* -> Verbo no singular (é outra exceção consagrada): *Mais de um jornal <u>fez</u> alusão ao Brasil*.
  - *A maioria de, boa parte de, grande número de, uma série de*, etc. -> Verbo no singular: *Um grande número de velas <u>branquejava</u> sobre as águas do estreito*.
  - Sujeitos que têm por núcleo *fração* ou *porcentagem* levam o verbo já ao singular, já ao plural: *Uma sexta parte do livro <u>é</u> boa; Apenas dois por cento do povo o <u>aprovaram</u>*.
  - *Quais, Quantos, Alguns, Muitos, Poucos, Vários + de nós, de vós, Dentre nós, Dentre vós* -> O verbo concorda com o núcleo do sujeito: *Quantos dentre vós <u>estudam</u> conscienciosamente?*
  - *Qual de nós* ou *de vós, dentre nós* ou *dentre vós* -> Verbo na terceira do singular: *Qual de vós me <u>arguirá</u> de pecado?*
  - Núcleos do mesmo sujeito unidos por *com* -> Em princípio, o verbo vai para o plural, mas pode ir para o singular se o que se inicia por *com* não é parte do sujeito e sim adjunto adverbial de companhia: *Eu com o abade <u>entramos</u> corajosamente num coelho guisado; <u>Partia</u> com todas*.
  - *Tanto... como, Assim... como, Não só... mas também*, etc. -> Verbo no plural, salvo se os núcleos forem separados

por vírgula: *Assim Saul como Davi eram homens de espírito; Tanto uma, como a outra, suplicava-lhe que esperasse.*

- Núcleos do sujeito unidos por *e* ou coordenados assindeticamente -> Verbo no plural, salvo quando os núcleos constituem algo uno: *Carmem, Marta, Rodrigo partiram cedo* (sem vírgula antes do verbo); *Em tal sorriso o passado e o futuro estava impresso.*
- Sujeitos oracionais -> Nas orações ligadas por conectivo, o verbo fica no singular; nas orações reduzidas de infinitivo, o verbo vai para o plural, se as duas orações não constituem algo uno intenção do escritor (no caso de não constituírem algo uno, é elegante anteceder cada uma das orações de artigo): *E dizer e fazer era um relâmpago; E o dizer e o fazer eram um relâmpago.*
- Sujeitos unidos por *nem* -> Em princípio, verbo no plural, sem vírgula entre os núcleos; mas o verbo pode vir no singular, com vírgula antes do segundo *nem*, se se supõe alguma elipse: *Nem o coadjutor nem o sacristão lhe perguntaram nada; Nem eles* [hão de possuir nada]*, nem outrem há de possuir nada.*
- *Cerca de, perto de, mais de, menos de, obra de,* etc. -> Verbo no plural, em função do núcleo sempre plural do sujeito: *Saíram à praia obra de oito mil homens; Eram perto das cinco quando saí.*
- *Dar, bater, soar* (horas) -> No padrão atual, verbo tem por sujeito o número que indica as horas: *Eram dadas cinco da tarde; Deram dez horas.* Mas a concordância antiga ainda é possível: *O relógio deu dez horas; Dez horas foram dadas pelo relógio.*
- Sujeitos unidos por *ou* -> Verbo no singular se a construção indica alternativa ou equivalência; e no plural se indica adição, ou quando um dos sujeitos vier no plural: *Ninguém soube jamais se fora desgosto ou doidice que o levara àquela vida; O calor forte ou o frio excessivo eram temperaturas igualmente nocivas ao doente; As penas que são Pedro ou seus sucessores fulminam contra os homens...*
- Nomes próprios plurais
  - Antecedidos de artigo -> Verbo no plural: *Os EUA pertencem ao mundo anglo-saxão.*
  - Não antecedidos de artigo -> Verbo no singular: *Alagoas tem belas praias.*

        - De títulos de obras antecedidos de artigo -> Verbo no singular ou no plural: *Os Lusíadas <u>são</u> o canto de um povo; Os Lusíadas <u>é</u> o canto de um povo*.
    - Haja vista -> Há três formas aceitáveis:
        - *Haja vista estes problemas* (exceção consagrada).
        - *Hajam vista estes problemas*.
        - *Haja vista a estes problemas* (construção preferível).

- REGRA ESPECIAL quanto à concordância do verbo *ser* enquanto verbo de cópula: o verbo ser enquanto é de cópula concorda já com o sujeito já com o predicativo.
    - Se os dois termos são substantivos
        - O *nome próprio* prevalece sobre o *nome comum*: *Maria <u>é</u> minhas preocupações; Minhas preocupações <u>é</u> Maria*.
        - O *nome concreto* prevalece sobre o *abstrato*: *Sua paixão <u>eram</u> as sinfonias; As sinfonias <u>eram</u> sua paixão*.
        - Se se dão dois nomes próprios ou dois nomes comuns, ou dois nomes concretos ou dois nomes abstratos, prevalecerá o *plural* sobre o *singular*.
        - O *pronome pessoal reto* prevalece sobre *qualquer outra palavra de cunho substantivo*: *O professor <u>sou</u> eu; <u>Éramos</u> nós o professor*.
            - ✓ O *reto de primeira pessoa* prevalece sobre o de *segunda*, e o *de primeira e o de segunda* sobre o de *terceira*, independentemente de seu número; mas o *de terceira plural* prevalece sobre o de *terceira singular*: *Eu <u>sou</u> tu amanhã; Eles <u>és</u> tu amanhã; Ela <u>são</u> elas amanhã*.
        - Quando o sujeito é *tudo, isto, isso, aquilo*, prevalece o predicativo: *Nem tudo <u>são</u> flores; Isto <u>são</u> bravatas*.
        - Concordância com oração subjetiva precedida de oração adjetiva com verbo no plural: *Compramos os livros que <u>são</u> necessários* (verbo no plural porque seu sujeito é *que*, que representa substantivo plural [*livros*]). Mas *Compramos os livros que é necessário ler* (verbo no singular porque seu sujeito é *ler*, oração substantiva subjetiva [reduzida de infinitivo]).

- Concordância quando o predicativo é exercido por certa classe de advérbios (*de quantidade* ou *de intensidade*) -> verbo ser sempre no singular: *Três quilos <u>é</u> pouco; Dois mil reais <u>é</u> muito; Vinte metros <u>era</u> demais.*
  - ✓ Tal construção estendeu-se a outras com predicativo adjetivo: *Dois mil reais <u>seria</u> ótimo; Vinte metros <u>é</u> indispensável.* Neste caso, porém, a concordância com o sujeito também é possível: *Dois mil reais <u>são</u> ótimos; Vinte metros <u>são</u> indispensáveis.*
- Para indicar *data, tempo* ou *distância*, o verbo *ser* usa-se unipessoalmente, ainda que não uninumericamente: concorda na terceira pessoa do singular ou do plural, segundo seja plural ou singular o *predicativo: Hoje <u>é</u>* [dia] *10 de outubro* (construção preferível); *Hoje <u>são</u> 10 de outubro; Já <u>são</u> duas horas; Daqui lá <u>são</u> doze quilômetros.*
- Na construção *É que*, o verbo *ser* é invariável; e, onde ela se use, não deixa de ser regular a concordância do efetivo verbo da oração com seu sujeito: *Eu <u>é que</u> o <u>farei</u>; Vós <u>é que</u> o <u>fareis</u>.*

OBS: A silepse ou *constructio ad sensum* é de evitar, porque é antes do âmbito do poético. Sempre *O povo partiu*, por exemplo, e não *O povo partiram*: p. 565 e seguintes.

- <u>A FLEXÃO DO INFINITIVO</u>: De modo geral, flexiona-se o infinitivo quando se quer pôr em evidência o agente da ação; e não se o faz quando se quer pôr em evidência somente a ação.
  - Se se tem dificuldade de distinguir entre infinitivo pessoal e futuro do subjuntivo, substitua-se o verbo em questão por um dos verbos irregulares (em que o infinitivo pessoal não coincide com o futuro do subjuntivo). Por exemplo, *Fazer*, cujo *Infinitivo pessoal* é: *fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem*; e cujo *Futuro do subjuntivo* é*: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fazerem.*
  - É de regra *não flexionar* o infinitivo:
    - Quando entra na composição de "grupos verbais" que se comportam como locuções: *Devemos <u>sair</u> cedo; Tinhas de <u>resolvê</u>-lo; Começaram a <u>esculpi</u>-la.*

  - Quando não se refere a nenhum sujeito: *Viver é lutar; Trabalhar é uma necessidade; Esculpir é uma arte.*
  - Quanto, antecedido de *de*, tem sentido passivo: *ossos difíceis de roer; Livros fáceis de ler; Trabalhos árduos de fazer.*
    - *Livros fáceis de se lerem* não está errado, mas é construção rebarbativa e de evitar.
  - Quando, também antecedido de *de*, tem o sujeito expresso por outro verbo: *Têm o dever de ensinar; Têm o direito de aprender.*
  - Quando se emprega em lugar do imperativo: *Virar à esquerda!; Não matar.*
  - Quando se rege da preposição *a*: S*ão obrigados a ensinar; Ajudou-os a cruzar o rio.*
  - Quando seu sujeito é acusativo de verbo *causativo* (*deixar, fazer, mandar*) ou de verbo *sensitivo* (*ouvir, sentir, ver*): *Deixou-os brincar; Fê-las estudar; Mandou-os descansar; Ouviu-os brincar; Sentiu-as caminhar; Viu-os descansar.*
    - *Fez as crianças brincarem* não está errado, mas é de evitar.
  - Quando, empregado em oração adverbial (da segunda espécie) posposta, seu sujeito está claro na subordinante: *Leiamo-lo de novo para entendê-lo bem; Os moços viram a cena ao virar-se.*
- É de regra *flexionar* o infinitivo:
  - Quando é o verbo de oração subordinante, desde que esteja assinalado de qualquer modo o sujeito: *É bom eles serem estudiosos.*
  - Quando é o verbo de oração subordinada substantiva posposta: *Julgo serem eles os responsáveis; Acredito sermos nós mesmos os responsáveis.*
    - Em casos que tais, a forma desenvolvida é muitas vezes preferível: *Julgo que sejam eles os responsáveis; Acredito que sejamos nós mesmos os responsáveis.*
    - Se o sujeito da subordinada não está expresso, a flexão do infinitivo é diacrítica: *Peso seres capaz de tal empresa.*
  - Quando empregado em oração adverbial (da segunda espécie) anteposta à subordinante: *Para o entendermos bem, leiamo-lo de novo; Ao se virarem, os moços viram a cena.*

❖ COLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS:

- Usar mesóclise ao verbo no futuro do presente e no futuro do pretérito, desde que a próclise não seja obrigatória: *Cumprir-se-á o estabelecido; Cumprir-se-ia o estabelecido*.
- Não começar frase nem oração por pronome átono: *Viu-me ontem*. Mas *No-lo / Vo-lo disse ontem*.
- Não usar próclise a nenhuma forma de imperativo, nem em orações deprecativas: *Agora faz-me isto; Esta ajuda dai-nos hoje*.
- Usar próclise ao verbo em orações optativas: *Deus nos ajude; Bons ventos o levem*.
- Se não se tratar de construções com infinitivo sem flexão ou com gerúndio não antecedido de *em*, usar próclise ao verbo quando este se antecede de palavra negativa, ainda que haja intercalação entre eles: *Ninguém, em todos esses anos, me disse isso*.
- Usar próclise ao verbo quando este se antecede de conectivo (incluídos os pronomes e os advérbios que exercem esta função, e excluídas as conjunções subordinadas da primeira espécie), ainda que haja intercalação entre eles: *Esperamos que nos digam a verdade; Quando a vimos, notamos sua angústia; Premiaram a quem, entre tantos concorrentes, o merecia*.
- Usar próclise ao verbo quando este se antecede de pronome interrogativo (ou exclamativo) ou de advérbio interrogativo (ou exclamativo), ainda que haja intercalação entre eles*: Que lhes aconteceu?; Quem, entre todos, vos disse isso?; Como vos mentiram!*.
- Usar próclise ao verbo quando este se antecede de advérbio não separado por vírgula do pronome átono: *Ontem o premiaram; Sempre lhes foi respeitoso; Às vezes nos pergunta de ti*. Mas *Ontem, premiaram-no*.
- Os brasileiros tendem a usar próclise ao verbo quando este se antecede de conjunções alternativas, explicativas ou conclusivas, de qualquer pronome indefinido ou de qualquer pronome demonstrativo. Os portugueses preferem, em tais casos, a ênclise ou a mesóclise. É preferível seguir-se a tendência brasileira: *Ou se trabalha, ou se descansa; Estuda muito, que te será proveitoso; O estudo aproveita sempre, logo te aproveitará também; Tudo se transforma; Algo lhe sucedeu; Isso lhe sucedeu há já algum tempo*.
- Nos demais casos, afora os que ainda se tratarão, é preferível seguir-se a tendência lusitana à ênclise: *Ela viu-os ontem; Mas encontrou-os ontem*.
- Usar a ênclise ao verbo quando este estiver no infinitivo sem flexão ou no gerúndio não antecedido de em: *Faremos de tudo para não*

molestá-<u>los</u>; Porque tratando-<u>se</u> disto não há hesitar. Mas *Em <u>se</u> tratando disto não há hesitar* e *Não <u>lhes</u> sermos molestos é um dever*.

- Não usar a ênclise a verbo no particípio, no futuro do presente ou no futuro do pretérito: *Márcia <u>te</u> havia advertido; Márcia havia-<u>te</u> advertido; Ter-<u>me</u>-á falado; Ter-<u>me</u>-ia falado*.
    - No Brasil, ainda há a possibilidade *Márcia havia <u>te</u> advertido*, o que porém não convém com o modelo de nossos melhores escritores.
- Nos grupos verbais, é possível usar:
    - Mesóclise ao primeiro verbo (se se tratar de futuro do presente ou de futuro do pretérito): *Ter-<u>lhe</u>-emos falado já*. Mas, naturalmente, *Já <u>lhe</u> teremos falado*.
    - Próclise ao primeiro verbo: *Eles <u>vos</u> estavam procurando*.
    - Ênclise ao primeiro verbo: *Eles estavam-<u>vos</u> procurando*.
    - Ênclise ao segundo verbo (esta é a construção preferível): *Eles estavam procurando-<u>vos</u>*.

    OBS: Como dito, *Eles estavam vos procurando* é de evitar.

❖ <u>PONTUAÇÃO</u>: conjunto de sinais gráficos cuja função é, antes de tudo, contribuir para a organização sintática dos termos da oração e para sua proporção. Aqui abordaremos apenas as regras respeitantes à VÍRGULA, o mais versátil e o mais árduo dos sinais de pontuação.

- REGRA GERAL: Não se separa o sujeito de seu verbo, nem o verbo de seu complemento.
- Emprega-se a vírgula para separar núcleos ou predicativos ligados assindeticamente: *Era inteligente, bela, afável; João, Paulo, Márcia chegaram*.
- Para separar núcleo (de complemento) ligado pela aditiva *e*, em razão de algum efeito buscado: *O rapaz saiu para comprar material de estudo: adquiriu livros, cadernos, canetas, <u>e</u> uma bicicleta*.
- Para separar orações ligadas por *e* se tiverem sujeito diferente: *Maria dormiu, <u>e</u> José foi trabalhar*.
- Para separar orações ligadas por par aditivo como *Não só... mas também* quando têm sujeito diferente: *<u>Não só</u> Paulo veio, <u>senão que</u> Maria também apareceu*.
    - Se as orações têm o mesmo sujeito, o uso da vírgula é o mais das vezes facultativo: *Maria não só telefonou* (,) *mas prometeu que viria*. Mas convém não separar as orações se o complemento da primeira só aparece na segunda, ou se o par aditivo liga núcleos de sujeito ou núcleos de

complemento: *Ricardo não só sabia mas revelou a verdade; Não só Paulo mas Maria apareceram.*

- *Tanto... como* tampouco se deve separar: *Tanto Paulo como Maria apareceram.*

- Para separar orações ou núcleos (de sujeito ou de complemento) ligados por conjunção disjuntiva ou por par alternativo, se se quer enfatizar a disjunção ou alternância: *Ou estuda*(,) *ou brinca; Nem veio*(,) *nem telefonou.*
  - A vírgula será obrigatória se o sujeito das orações for diferente: *Isto há de ser rejeitado, ou nos afastaremos; Não veio um, nem o outro.*
  - Se *ou* expressa retificação, a vírgula é facultativa: *Nosso estudo* (,) *ou investigação* (,) *ou pesquisa, que não importa o nome...*
  - Se *ou* expressa equivalência, a vírgula é interditada: *O Estagirita ou Aristóteles...*
- Em princípio, usa-se a vírgula para separar oração ligada por adversativa: *Disse que viria, mas não veio.*
  - *Mas* pode anteceder-se de qualquer sinal de pontuação. Mas algumas vezes é preferível não anteceder-se de nenhum sinal: *Não só leu mas meditou profundamente estes livros.*
  - *Mas* nunca pode seguir-se de vírgula, a não ser que se intercale uma oração entre a adversativa e o que é ligado por ela: *Disse que viria, mas(,) como choveu muito(,) não veio.*
  - O mesmo aplica-se a *porém*: *Disse que viria, porém (,) como choveu muito (,) não veio*. No entanto, *porém* difere de *mas* porque nunca pode ter caráter aditivo. Nunca se escreva *Não só leu 'porém' meditou profundamente estes livros.*
  - Todas as adversativas, à exceção de *mas*, podem voltar a ser advérbios; e o fazem sempre que deixem de iniciar oração e se intercalem a esta ou se ponham em seu final: *Disse que viria;* (ou :, ou .) *como* (,) *porém* (,) *choveu muito, não veio; Disse que viria;* (ou :, ou .) *não veio, porém*. Em tais casos, a segunda oração deve anteceder-se de sinal representativo de *pausa maior que a vírgula*.
  - Afora *mas* e *porém*, todas as adversativas, se estiverem separadas por sinal representativo de *pausa maior que a vírgula*, deverão seguir-se também de vírgula: *Disse que viria, todavia* (*contudo, no entanto*, etc.) *não veio; Disse que viria;* (ou :, ou .) *todavia* (*contudo, no entanto,* etc.), *não veio.*
  - É preferível não usar vírgula, mas ponto e vírgula, dois-pontos ou ainda ponto antes de *todavia, contudo, no entanto*, etc. por seu fundo mais flagrantemente adverbial. E

se após estas adversativas se intercala alguma oração, então não é possível que se antecedam de vírgula: *Disse que viria;* (ou :, ou .) *todavia, como choveu muito, não veio*. E não '*Disse que viria, todavia, como choveu muito, não veio'*.

- Em princípio, usa-se a vírgula para separar oração ligada por conjunção conclusiva (l*ogo, portanto, por conseguinte, por isso*, etc.): *Choveu torrencialmente, por isso não puderam vir; Qualquer corpo é corruptível, logo o humano também o é.*
    - As conclusivas podem anteceder-se de qualquer sinal de pontuação. Se se antecedem de sinal representativo de *pausa maior que a vírgula* (o que é sempre preferível, e obrigatório se se lhes intercala alguma oração), deverão seguir-se de vírgula: *Qualquer corpo é corruptível;* (ou :, ou .) *logo, o humano também o é.*
    - *Logo* nunca se desloca do rosto da oração: é conjunção, propriamente.
    - *Pois* nunca vem no rosto da oração: é advérbio conclusivo.
- Também se usa a vírgula (ou sinal de pontuação representativo de *pausa maior*) para separar as orações explicativas: *Não é oração aceitável a do ocioso,* (ou ;, ou .) *porque a ociosidade o dessagra.*
- Usa-se a vírgula, obrigatoriamente, para separar a oração adverbial antecipada: *Embora já fizesse sol, preferiram não partir; Porque chovia, preferiram não partir; Para evitarem a chuva, preferiram partir logo; Se não chover, partiremos cedo.*
    - Se a adverbial está posposta, a vírgula é eletiva: *Preferiram não partir* (,) *embora já fizesse sol; Preferiram não partir* (,) *porque chovia; Preferiram partir logo* (,) *para evitar a chuva; Partiremos cedo* (,) *se não chover*.
    - Se a subordinante de subordinal final antecipada se introduz pelo expletivo *é que*, então a vírgula pode dispensar-se: *Para evitar a chuva é que preferiram partir logo.*
    - É preferível separar por vírgula a consecutiva: *Chovia tanto, que preferiram não partir.*
- Salvo *já, não* e poucos mais, todos os advérbios postos no rosto da frase podem separar-se por vírgula; e separar-se-ão obrigatoriamente se forem de certa extensão: *Depois* (,) *resolveram partir; Às dez horas do dia 23 de abril do ano passado, estavam de partida.*
    - O mesmo vale, mais amplamente, para todo e qualquer termo posto *antecipadamente* no rosto da frase: *Aos meninos (,) demos(-lhes) os livros.*
    - Em princípio, qualquer adjunto adverbial posto no meio da oração pode separar-se vírgulas: *Vieram* (,) *depois* (,) *falar-nos*.

- Usa-se a vírgula, obrigatoriamente, para separar o vocativo: *Ó Pedro, por que não nos visitas?*
- O mesmo vale para o aposto – salvo o de individualização, que obrigatoriamente não se separa: *Ivã, o Terrível; O professor André*.
- Para separar nas datas o nome de lugar: *Coimbra, 12 de agosto de 2014*.
- Para indicar a elipse do verbo, quando a segunda oração se antecede de ponto e vírgula ou de ponto – mas não quando se antecede de vírgula: *João partiu ontem; Maria, hoje; João partiu ontem. Maria, hoje; João partiu ontem, Maria hoje.*
- Para separar *etc.*: *Comprou livros, canetas, cadernos, etc*.
    - Pode usar-se também ponto e vírgula, ou não separar-se o etc.
- Para separar orações predicativas explicativas: *A mulher de Ricardo, que se chama Sônia*.

OBS: Pode (e é preferível) usar-se vírgula ou ponto e vírgula depois de travessão.